

ALFAGUARA

José Saramago
Poesía completa

Traducción: Ángel Campos

eBook

Índice

[Portadilla](#)

[Índice](#)

[Prólogo](#)

[Portadilla interior](#)

[Cita](#)

[Hasta la carne / Até ao sabugo](#)

[Até ao sabugo / Hasta la carne](#)

[Arte poética / Arte poética](#)

[Processo / Proceso](#)

[Programa / Programa](#)

[«Se não tenho outra voz» / «Si no tengo otra voz»](#)

[Balança / Balanza](#)

[«Recorto a minha sombra» / «Recorto mi sombra»](#)

[Acidente de viação / Accidente de circulación](#)

[Taxidermia, ou poeticamente hipócrita / Taxidermia, o poeticamente hipócrita](#)

[Signo de Escorpião / Signo de Escorpión](#)

[«No coração, talvez» / «En el corazón, quizá»](#)

[Dia não / Día no](#)

[Destino / Destino](#)

[Ritual / Ritual](#)

[Epitáfio para Luís de Camões / Epitafio para Luís de Camões](#)

[Jogo das forças / Juego de fuerzas](#)

[Vertigem / Vértigo](#)

[Lugar-comum do quadragenário / Lugar común del cuadragenario](#)

[Outro lugar-comum / Otro lugar común](#)

[Passado, presente, futuro / Pasado, presente, futuro](#)

[Passeio / Paseo](#)

[Psicanálise / Psicoanálisis](#)

[Mais psicanálise / Más psicoanálisis](#)

[«Não diremos mortais palavras» / «No diremos mortales palabras»](#)
[Poema seco / Poema seco](#)
[Do como e do quando / Del cómo y del cuándo](#)
[Fábula do grifo / Fábula del grifo](#)
[Meias-solas / Medias suelas](#)
[Um zumbido, apenas / Tan sólo un zumbido](#)
[Ciclo / Ciclo](#)
[Circo / Circo](#)
[Obstinação / Obstinación](#)
[«Há-de haver / «Ha de haber»»](#)
[Sala de baile / Sala de baile](#)
[Oceanografia / Oceanografía](#)
[Hibernação / Hibernación](#)
[«As palavras são novas» / «Las palabras son nuevas»](#)
[Questão de palavras / Cuestión de palabras](#)
[Pequeno cosmos / Pequeño cosmos](#)
[«De mim à estrela» / «De mí a la estrella»](#)
[Retrato do poeta quando jovem / Retrato del poeta cuando joven](#)
[O Tanque / El estanque](#)
[Science-fiction I / Science-fiction I](#)
[Science-fiction II / Science-fiction II](#)
[Carta de José a José / Carta de José a José](#)
[Aniversário / Aniversario](#)
[Testamento romântico / Testamento romántico](#)
[Premonição / Premonición](#)
[Poema a boca cerrada / Poema a boca fechada](#)
[Poema a boca fechada / Poema a boca cerrada](#)
[Os inquiridores / Los inquiridores](#)
[Mãos limpas / Manos limpias](#)
[Salmo 136 / Salmo 136](#)
[Ouvindo Beethoven / Oyendo a Beethoven](#)
[Demissão / Dimisión](#)
[Fraternidade / Fraternidad](#)
[Fala do Velho do Restelo ao Astronauta / Habla del viejo de restelo al astronauta](#)
[Mitologia / Mitología](#)

[Mitologia / Mitología](#)
[Natal / Navidad](#)
[Aprendamos o rito / Aprendamos el rito](#)
[Criação / Creación](#)
[Quando os homens morrerem / Cuando los hombres mueran](#)
[Aos deuses sem fiéis / A los dioses sin fieles](#)
[«Não das águas do mar» / «No del agua del mar»](#)
[A um Cristo velho / A un Cristo viejo](#)
[Judas / Judas](#)
[Sé Velha de Coimbra / Catedral Vieja de Coimbra](#)
[Nave / Nave](#)
[«Barro direis que sou» / «Barro diréis que soy»](#)
[Invenção de Marte / Invención de Marte](#)
[«Não há mais horizonte» / «No hay más horizonte»](#)
[El amor de los otros / O amor dos outros](#)
[Orgulho de D. João no inferno / Orgullo de Don Juan en el infierno](#)
[Lamento de D. João no inferno / Lamento de Don Juan en el infierno](#)
[Sarcasmo de D. João no inferno / Sarcasmo de Don Juan en el infierno](#)
[Até a fim do mundo / Hasta el fin del mundo](#)
[Dulcineia / Dulcinea](#)
[D. Quixote / Don Quijote](#)
[Sancho / Sancho](#)
[Julieta a Romeu / Julieta a Romeo](#)
[Romeu a Julieta / Romeo a Julieta](#)
[West Side Story / West Side Story](#)
[En esta esquina del tiempo / Nesta esquina do tempo](#)
[Contracanto / Contracanto](#)
[Fuzil e pederneira / Fusil y pedernal](#)
[Enigma / Enigma](#)
[Negócio / Negocio](#)
[Virgindade / Virginidad](#)
[Regra / Regla](#)
[Outono / Otoño](#)
[Adivinha / Adivinanza](#)

Receita / Receta

«Não me peçam razões» / «No me pidan razones»

«Nesta secreta guerra» / «En esta guerra secreta»

Craveira / Medida

«A ti regresso, mar» / «A ti regreso, mar»

«Água que à água torna» / «Agua que al agua vuelve»

Medusas / Medusas

História antiga / Historia antigua

Não escrevas poemas de amor / No escribas poemas de amor

«Nesta esquina do tempo» / «En esta esquina del tiempo»

«De violetas se cobre» / «De violetas se cubre»

Labirinto / Laberinto

Espaço curvo e finito / Espacio curvo y finito

Pesadelo / Pesadilla

Afrodite / Afrodita

Estudo de nu / Estudio de desnudo

De paz e de guerra / De paz y de guerra

Em violino fado / En violín, fado

No silêncio dos olhos / En el silencio de los ojos

Compensação / Compensación

Declaração / Declaración

«Uma só prece» / «Una sola oración»

Química / Química

Física / Física

Intimidade / Intimidad

Inventário / Inventario

Praia / Playa

Arte de amar / Arte de amar

Aspa / Aspa

Corpo-mundo / Cuerpo-mundo

Balada / Balada

Jogo do lenço / Juego del pañuelo

Lembrança de João Roiz de Castel' Branco / Recuerdo de João Roiz de Castel' Branco

Prestidigitação / Prestidigitación

Analogia / Analogía

[Soneto atrasado / Soneto retrasado](#)
[Exercício militar / Ejercicio militar](#)
[Opção / Opción](#)
[Baralho / Baraja](#)
[Exílio / Exilio](#)
[Cantiga de sapo / Cantiga de sapo](#)
[Outra vez frutos, rosas outra vez / Otra vez frutos, rosas
outra vez](#)
[Re-iniciação / Re-iniciación](#)
[Fim e recomeço / Final y nuevo comienzo](#)
[Metáfora / Metáfora](#)
[Amanhecer / Amanecer](#)
[Aproximação / Aproximación](#)
[Poente / Poniente](#)
[Integral / Integral](#)
[Eloquência / Elocuencia](#)
[«Aprendamos, amor» / «Aprendamos, amor»](#)
[Diz tu por mim, silêncio / Di tú por mí, silencio](#)
[«Num repente, não ando» / «De pronto, no me mue-
vo»](#)
[Corpo / Cuerpo](#)
[Caminho / Camino](#)
[«Ergo uma rosa» / «Alzo una rosa»](#)
[«Pois o tempo não pára» / «Pues el tiempo no para»](#)
[Ainda que seja / Aunque sea](#)
[Canção / Canción](#)
[Probavelmente alegria / Provavelmente alegría](#)
[Poema para Luís de Camões / Poema para Luís de Ca-
mões](#)
[«Provavelmente» / «Probablemente»](#)
[O primeiro poema / El primer poema](#)
[O fruto / El fruto](#)
[«Onde» / «Donde»](#)
[«Ainda agora é manhã» / «Todavía ahora es la maña-
na»](#)
[Forja / Fragua](#)
[«Ao inferno, senhores» / «Al infierno, señores»](#)
[«Secreto como um seixo» / «Secreto como un guijarro»](#)

«Nesta rasa pobreza» / «En esta rasa pobreza»
«No teu ombro pousada» / «En tu hombro posada»
As palavras de amor / Las palabras de amor
Paisagem com figuras / Paisaje con figuras
«Nuas, as faias» / «Desnudas, las hayas»
«Venho de longe, longe» / «Vengo de lejos, lejos»
«Onde a sombra de ti» / «Donde tu sombra»
Pedra coração / Piedra corazón
«Devagar, vou descendo» / «Despacio, voy bajando»
«Malha, rede, cercado» / «Malla, red, vallado»
«Ao centro da esmeralda» / «Al centro de la esmeralda»
«É tão fundo o silêncio» / «Es tan hondo el silencio»
«Flor de cacto» / «Flor de cactus»
«Quando os dedos de areia» / «Cuando los dedos de arena»
Tempo de cristal / Tiempo de cristal
Estrelas poucas / Estrellas pocas
Manhã / Mañana
Antes calados / Mejor callados
«Tenho um irmão siamês» / «Tengo un hermano siamés»
Parábola / Parábola
Cavalaria / Caballería
«Passa no pensamento» / «Pasa en el pensamiento»
«Estou onde o verso faço» / «Estoy donde el verso hago»
O beijo / El beso
«A mesa é o primeiro objecto» / «La mesa es el primer objeto»
«Na ilha por vezes habitada» / «En la isla a veces habitada»
«É um livro de boa-fé» / «Es un libro de buena fe»
Proto poema / Proto poema
Incêndio / Incendio
Obra de fogo / Obra de fuego
Nem sempre a mesma rima / No siempre la misma rima

«Este meu rosto» / «Este rostro mío»
«Duas pedras de sal» / «Dos piedras de sal»
«Como um vidro estalado» / «Como un cristal quebrado»
«Ó tristeza da pedra» / «Oh tristeza de la piedra»
«Digo pedra» / «Digo piedra»
«Dissemos, e partimos» / «Dijimos y partimos»
Elegia à moda antiga / Elegía a la manera antigua
«Tenho a alma queimada» / «Tengo el alma quemada»
«O poema é um cubo de granito» / «El poema es un cubo de granito»
«Caminhámos sobre as águas» / «Caminábamos sobre las aguas»
«Eu luminoso não sou» / «Yo luminoso no soy»
«E se vier» / «Y si viene»
«Passo num gesto» / «Paso en un gesto»
«Disseram que havia sol» / «Dijeron que había sol»
«Venham enfim» / «Que vengan finalmente»
«Quem diz tempo» / «Quien dice tiempo»
A ponte / El puente
Noite branca / Noche blanca
«Aqui a pedra cai» / «Aquí la piedra cae»
Hora / Hora
«Assente em água e fogo» / «Asentada en agua y fuego»
Música / Música
«La no centro do mar» / «Allá en el centro del mar»
«Teu corpo de terra e água» / «Tu cuerpo de tierra y agua»
Água azul / Agua azul
«Dispostos em cruz» / «Dispuestos en cruz»
Voto / Voto
Madrigal / Madrigal
Alegria / Alegría
«Viajo no teu corpo» / «Viajo en tu cuerpo»
«Minha água lustral» / «Mi agua lustral»
«Branco o teu peito» / «Blanco tu pecho»
«Palma com palma» / «Palma con palma»

[El año de 1993 / O ano de 1993](#)

[Cita](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[29](#)

[30](#)

[Epílogo](#)

[Catorze de junho / Catorce de junio](#)

[Créditos](#)

[Grupo Santillana](#)

PRÓLOGO

Sometido a la apreciación de los lectores portugueses en el ya distante año 1966, el libro al que, por no saber lo que me reservaba el futuro, le di el prudente título de *Los poemas posibles*, sólo vería una segunda edición en 1982. La tercera, con más fortuna, no necesitó esperar tanto, apareció tres años después. Mucha agua ha pasado bajo los puentes, mucho tiempo ha transcurrido desde entonces, ya sea del que se mide en el calendario, tiempo cuantificable o tiempo matemático, ya sea ese otro que sólo subjetivamente puede ser tasado, tiempo interior o tiempo psicológico. La composición más antigua de la colectánea, escrita cuando el aprendiz de poeta apenas pasaba de los veinte años, se llama «Poema a boca cerrada» y contiene, en sus últimos versos, un compromiso y un anhelo que todavía hoy me asombra por la desmesura del desafío que se proponían: *Que quien se calla cuanto me callé / No se podrá morir sin decir todo*. No imaginaba él, no imaginábamos ambos, que sesenta años después todavía estaríamos vivos para hacer las cuentas al largo camino recorrido desde el silencio crispado de entonces a las palabras libres de ahora. En todo caso, hoy sé lo que él no podía saber, que sólo cuando se tiene veinte años es posible creer que algún día se llegará a decir todo. La vida, incluso la más prolongada, incluso la de un viejísimo matusalén de barbas fluviales, siempre dejará tras de sí sombras calladas, restos incombustibles, islas desconocidas. Ni sesenta años más, ni unos impensables seiscientos años, serán bastantes para desbra-

var las islas, quemar los restos y obligar a hablar a las sombras.

Tiene la citada segunda edición de *Los poemas posibles*, como prólogo, un breve aviso al lector, repetido en la tercera, que, si no me equivoco demasiado, cabe en esta publicación bilingüe de mi *Poesía completa*, que Alfaguara, en un rasgo ejemplar de generosidad, decidió lanzar ante el desconcierto, por no decir estupefacción, de un autor que sin haber soñado nunca con semejante festín editorial sí se interrogaba, y sigue interrogándose, si la calidad de los platos servidos compensará el trabajo de cocinarlos. He aquí, con algunas ligeras alteraciones de forma, lo que escribí en 1982: «Se podría preguntar si estos versos (palabra hoy poco usada, pero muy oportuna para el caso) merecen segunda oportunidad, o si, por ventura, esa oportunidad vendrá dictada por determinadas y más cabales demostraciones del autor en los territorios de la ficción. Si, en definitiva, estamos comprobando un simple y frecuente fenómeno de aprovechamiento editorial, mera estrategia de lo que suele llamarse política de autores, o si, muy al contrario, ha sido la constante poética del trabajo del autor la que ha legitimado la resurrección del libro, ya que en él se habrían comenzado a definir nexos, temas y obsesiones que llegarían a ser la columna vertebral de un cuerpo literario en tránsito. Aceptemos la última hipótesis, única que hará posible, primero, y que justificará, después, este regreso poético. ¿Poesía datada? Sin duda. Toda creación cultural ha de contener una fecha irrenunciable, la que le viene impuesta por el tiempo que la ha producido. Pero también llevará siempre, y en primer lugar, la de los materiales heredados —cuántas veces inoportunamente dominantes—, o, de tarde en tarde, esa impalpable fecha que todavía está por llegar, ese sentir, ese ver, ese experimentar que es aún sólo futuro. Sin embargo, esa capacidad de ver con anticipación queda para los genios, y, obviamente, no es de éstos de quienes aquí se trata». Precisamente, los nexos, los temas y las obsesiones de un cuerpo literario en tránsito, de este escritor que se viene observando a sí mismo como

a una especie de continua crisálida que, segura de que jamás alcanzará el último instante de la metamorfosis, el que daría origen al insecto perfecto, se acepta y realiza en su propio e incesante movimiento. Nada más, pero también nada menos. La crisálida se mueve en el lugar oscuro en que se encerró, el escritor se mueve en el lugar oscuro que es.

Ese movimiento, el tiempo psicológico e interior al que antes hice referencia, fue el que, poco a poco, convirtió al poeta incipiente en novelista aceptable. El primer paso en el camino lo condujo a un segundo libro de poesía, *Probablemente alegría* (1970), que, desarrollando y depurando el tratamiento de temas que ya estaban en *Los poemas posibles*, se abre a orientaciones nuevas que lo aproximan al poema en prosa, en particular al versículo como célula rítmica y melódica, del que son ejemplos «Protopoema», «La mesa es el primer objeto», «En la isla a veces habitada». Esta apertura a una expresión diferente en la obra del autor, liberado de los amables constreñimientos de la métrica y de la rima, se completaría en el tercer y último paso que es *El año de 1993*, publicado en 1975, en el auge del movimiento revolucionario popular subsecuente del derrumbamiento de la dictadura en Portugal. Se compone de treinta poemas de extensión variable que describen, con estilo al mismo tiempo realista y metafórico, la terrible ocupación de un país por un invasor cruel, ambos no nominados, hasta la liberación final, cuando *el arco iris vuelve todas las noches y eso es una buena señal*, cuando *Lejos en el mar el otro extremo del arco iris se sumergía hasta el fondo de las aguas y los peces deslumbrados giraban alrededor de la luminosa columna...* Según algunos críticos más atentos, este libro anunció y abrió la puerta de la ficción que la crisálida invisible venía preparando en la oscuridad del capullo. Dos años después sería publicado *Manual de pintura y caligrafía*, luego vendría *Levantado del suelo*, luego *Memorial del convento*, luego *El año de la muerte de Ricardo Reis*. Hasta hoy...

A la entrada de *Los poemas posibles* se leen unos versos de Antonio Machado, que están ahí desde 1966. *Demos tiempo al tiempo: / para que el vaso rebose / hay que llenarlo primero*. Sí, cualquier niño, con la inocente lógica de su edad, sería capaz de decir lo mismo, que únicamente rebosará el vaso si antes lo hemos llenado, pero me apuesto contra una página en blanco todos los libros que he escrito a que el poeta de *Campos de Castilla* sabía perfectamente que el vaso en que pensaba (¿la vida, la obra?) nunca se colmaría hasta derramar porque nunca se conseguiría llenar por completo. Como Sísifo empujando la piedra hacia la cima del monte para verla rodar otra vez hasta el valle, como las Danaides, condenadas a rellenar en vano durante toda la eternidad un tonel sin fondo, como todos nosotros que vamos poniendo letras tras letras, a la espera de que el infinito se deje tocar algún día. Antonio Machado estuvo casi, casi. Sólo le faltó el tiempo.

JOSÉ SARAMAGO

Os poemas possíveis

Los poemas posibles

Demos tiempo al tiempo:
para que el vaso rebose
hay que llenarlo primero.

ANTONIO MACHADO